

O MAPA DA DESCRENÇA

CARDEAL PAUL POUPARD

Ex-presidente do Conselho Pontifício para a Cultura

Em uma entrevista concedida ao site zenit.org, o cardeal Poupard, que foi o homem de João Paulo II para a Cultura, traça “o mapa da descrença religiosa no mundo”, sublinhando as características mais importantes de cada região ou país. Mesmo que os dados mudem rapidamente, eis aqui o “mapa” a partir de um ponto de vista oficial – o da hierarquia da Igreja Católica.

“A descrença deixou de ser um fenômeno reduzido a alguns poucos indivíduos para converter-se em um fenômeno de massa”, constata o encarregado de João Paulo II para a Cultura.

O cardeal Paul Poupard declara que esta situação se dá ‘sobretudo nos países nos quais domina um modelo cultural secularizado’.

O purpurado francês, nesta entrevista concedida ao site Zenit, traça o mapa da descrença religiosa no mundo, tema ao qual se dedicou a Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Cultura, do qual ele é presidente, celebrada no Vaticano.

– *Mas não falam muitos sociólogos do “retorno ao sagrado”?*

Muitos falam de um “retorno ao sagrado” sem detalhar que se trata mais do surgimento de uma nova religiosidade fraca, sem uma referência a um Deus pessoal, algo mais emotivo que doutrina. Assistimos à despersonalização de Deus. Esta nova religiosidade não coincide com um regresso à fé e constitui um autêntico desafio para o cristianismo.

– *Que relação tem esta religiosidade com o ateísmo?*

O ateísmo militante está retrocedendo no mundo, mas se dá um fenômeno de descrença prática que cresce em ambientes culturais impregnados de secularismo.

Trata-se de uma forma cultural que eu qualifico de “neopaganismo”, na qual a religião constitui uma idolatria dos bens materiais, um sentimento religioso mais bem panteísta, que se encontra muito a gosto com teorias cosmológicas, como as da Nova Era.

Evidentemente é necessário refletir sobre este fenômeno, que é típico das culturas secularizadas do Ocidente.

– *Quais são os resultados do estudo realizado com motivo da Assembleia do Conselho Pontifício para a Cultura?*

As situações mudam segundo os países e os continentes. Na **África**, a descrença afeta a população de origem europeia e seu influxo se faz sentir nas grandes cidades. Em um país como a África do Sul há mais de seis mil igrejas diferentes. É difícil, portanto, falar de descrença.

Na **América do Norte**, nos **Estados Unidos**, os ateus declarados são 1%, enquanto que os “sem Igreja” são 15%. A maior parte dos cidadãos americanos reza, enquanto só 1% declarou que não reza nunca.

Na **América Latina**, **Cuba** é o único país no qual ainda está no poder em regime controlado por grupos maçônicos de orientação anticlerical. Pois bem, 90% dos mexicanos são católicos e 100% devotos da Virgem de Guadalupe. Isto dá uma ideia das raízes profundas da religiosidade popular.

Na **América Central**, a piedade popular resiste às sirenas do modelo secularizado. No Brasil, onde se encontra o maior número de católicos do mundo, assistimos à passagem de fiéis da Igreja Católica para outros grupos cristãos. Nos anos cinquenta os católicos eram 93,5%, hoje são 73,8%. No mesmo período, as igrejas cristãs passaram de 0,5% para 15%.

Na Argentina, 4% da população declara-se atea e 12% agnóstica.

Na Ásia a situação é muito diferente: como comentou um bispo asiático, “não se dá o fenômeno da descrença, pois não há nenhuma crença”.

No Japão, por exemplo, existe um verdadeiro supermercado das religiões: se somarmos o número dos xintoístas, taoístas, budistas e cristãos, temos uma porcentagem de 125% da população, pois muitos afirmam seguir várias religiões.

Nas Filipinas, único país da Ásia de grande maioria cristã, com 82,9% de católicos e 4,57% de muçulmanos, só 0,3% deixa vazio o espaço dedicado à religião.

A Coreia do Sul é um país interessante, com o maior número de conversões ao catolicismo.

– *Mas, então, onde se dá o fenômeno da descrença?*

Notícias preocupantes chegam da Europa, com importantes diferenças entre a área mediterrânea, o centro e o norte.

Na Itália, 4% se declaram ateus, 14% indiferentes, a maioria crente, mas que só participa de vez em quando na vida da Igreja.

Na Espanha, acontece um processo de pulverização cultural e religiosa apoiado pelos governos de cultura socialista.

Na Europa Central nos encontramos com os três países que declaram o número mais elevado de pessoas sem religião: Bélgica, com 37%; França, com 43%; e os Países Baixos, com 54%.

A França continua sendo o país com o maior número de ateus: 14%. Neste caso, sinto a tentação de fazer uma comparação com o final do Império Romano.

No Reino Unido, 77% da população declara-se cristã. Os anglicanos são a maioria, mas o número de católicos que vai à Igreja supera o dos anglicanos em números absolutos. Na Grã-Bretanha, 14% afirmam que não têm religião.

Nos países escandinavos, Islândia, Dinamarca, Suécia, Noruega, os católicos são uma minoria que cresce à chegada de novos imigrantes de Filipinas e Coreia.

Na Dinamarca, as pessoas sem religião são 11%; 11,6% na Noruega; e 12,7% na Finlândia. Nestes países, por uma parte se dá a secularização; por outra se constata o culto da natureza de influências pagãs, segundo as quais a natureza é sagrada.

Na Alemanha há que distinguir entre o leste e o ocidente. 60% na ex-república do leste declaram não ter religião, enquanto no ocidente esta porcentagem é de 15% e se dá, sobretudo, nas grandes cidades.

Na Polônia os não crentes são muito poucos, mas se pode dizer que o materialismo marxista está substituindo o materialismo consumista, e esta é a maior preocupação.

Na Hungria, dos dez milhões de habitantes, tão só

887 pessoas se declaram ateias, mas a maior parte da população vive a religião a seu modo.

Na República Tcheca, a metade da população se considera atea ou sem confissão religiosa, enquanto a Eslováquia é em sua maioria católica.

– *Que se pode dizer estatisticamente falando dos países islâmicos?*

Nos países de maioria islâmica não há dados de confiança, pois se não se é crente não se pode dizer. Mas por esse motivo os números são falsos.

– *Que conclusões o senhor tira depois de traçar este mapa?*

O ateísmo militante retrocede, mas diminui a perença ativa à Igreja. A descrença não cresce no mundo, com exceção dos países nos quais está presente o modelo cultural secularizado.

Cresce a indiferença religiosa sob a forma de ateísmo prático. Desde o ponto de vista pastoral, o mais preocupante é que a descrença está avançando, inclusive entre as mulheres. Durante milênios a fé foi transmitida na família pelas mães, enquanto agora assistimos a uma fratura.

Também se dá um fato novo: cresce o ser humano indiferente, ou seja, o homem ou a mulher que pode crer sem pertencer e pertencer sem praticar.

Aumenta o número de quem diz ser religioso, mas não vai à Igreja e que crê em toda uma série de práticas que em ocasiões formam parte do terreno mágico.

– *Ante esta situação, há sinais de esperança para a Igreja Católica?*

Certamente. Sublinho, sobretudo, os novos movimentos religiosos, neocatecumenato, focolares, Comunhão e Libertação, Renovação Carismática...

Desde há um quarto de século, constatamos a expansão numérica e geográfica que experimentaram. Encontro-me com eles em todo o mundo e cresceram também em intensidade e profundidade espiritual.

Trata-se de uma reação suscitada pelo Espírito Santo para responder à cultura secularizada. No momento no qual parece que se dá uma dissolução, apresentam um intenso sentido de agregação e de pertença, testemunham uma forte religiosidade, arraigada no encontro eclesial e pessoal com Cristo: nos sacramentos e na oração, na liturgia, na celebração da Eucaristia.